

MARCIA TIBURI
uma fuga perfeita
é sem volta

1ª edição



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2016

Quando telefonei, mais de um ano sem falar com Agnes, ele estava morto fazia meses. Meio ao acaso, meio sem pensar, movido pela impressão de que era hora de telefonar, sem que tivesse aberto a janela que dá para os fundos do prédio como faço todos os dias, sem ter lavado o rosto, a cafeteira desligada, a cama por fazer, o uniforme usado preso há dias no cabide atrás da porta, bem antes que o despertador acionasse o seu barulho insuportável que preciso ouvir ainda na cama para adquirir a coragem dos passos que me levam além dela, naquele momento, em tudo diferente ao que estou acostumado a fazer para organizar dias desarrumados, como normalmente são os meus, depois de uma noite cheia de pesadelos, como em geral são as minhas noites, foi nessas condições que peguei o telefone.

Eu não tinha o que dizer, não pensava em nada especial para falar senão as coisas de sempre. Que o tempo está ruim, que a vida segue na sucessão lógica entre inverno e verão, mesmo agora com as estações tão indefinidas, que ando meio cansado, que o trabalho continua no ritmo de costume, que as costas doem mais do que nunca. Que esqueci quando foi a última vez que telefonei. Que não deu tempo de telefonar. Que o tempo voa. É isso, o tempo voa e não há como segurá-lo.

Foi assim, exatamente do jeito como estou contando. Como se eu ainda dormisse. Como se não tivesse deixado nada para trás, como se não existisse nada pela frente. Sem perceber o espaço ao redor e, desse modo, sem a consciência de meu corpo ou dessa janela embaçada pelo frio úmido desses dias de março, foi assim que me pus a discar o número de sempre para um telefonema que, em princípio, não serviria

para nada além de marcar de algum modo a minha presença, ainda que dizer presença não fosse mais que força de expressão na tentativa de explicar meu surgimento sonoro, digamos assim, naquelas condições, as mais aleatórias, em um mero alô.

Foram muitos telefonemas. A cada um deles, Agnes me comunicava o texto de um acordo que eu lhe devolvia na forma de uma conversa trivial. Agnes sabia o mesmo que eu, que éramos cúmplices em uma espécie de pacto silencioso, escrito no papel do destino, um pacto que só serve se o assinamos por inércia. E Agnes o assinou na mais perfeita inércia, pois, ao longo desses anos, raras foram as vezes em que ela não atendeu ao telefone, em que se esquivou ao meu chamado, e sei que o fez enquanto nunca, simplesmente *nunca*, se deu ao trabalho de me telefonar.

Acordei mais cedo do que o habitual, não eram cinco horas da manhã. Saí da cama levado pelo desejo de me dedicar ao desenho de um Cristo no qual penso há dias. Pretendia dá-lo de presente a Irene no final de abril, no dia de seu aniversário. Pretender é um verbo que só posso usar no passado, nesse momento não sei o que fazer. Hoje não é minha folga, eu deveria ir ao trabalho mais tarde. Poderia ter me dedicado pelo menos até as nove horas, quando sairia para trabalhar a pé, ao passatempo evidentemente inútil de esboçar detalhes da imagem, dos cabelos, dos cílios, as ranhuras da pele, as pequenas manchas na íris amarelada do personagem que me aparece há dias nas vidraças espelhadas das lojas, dos bares, desses prédios imensos feitos para nos iludirmos que refletem nosso próprio interior. Olhos amendoados, o Cristo me olha e não me vê. Mouro, árabe, meio turco, meu personagem me aparece como vendedores da feira de Kreuzberg que observo aos domingos quando transito pelas ruas em busca de algo para comer e, invariavelmente, acabo com um pedaço de pão nas mãos. Como o meu modesto almoço pela metade, não sem antes ter parado na porta de um restaurante elegante no qual eu nunca entraria sozinho, onde eu entraria com Irene, em cuja porta fico a me perguntar por que Irene não está por perto, onde estaria Irene quando não está comigo. É quase meio-dia e tudo o que fiz até agora foi andar pela casa a olhar as paredes e o teto, a abrir

e a fechar a janela dos fundos tentando entender o tempo enquanto penso no que poderia, no que ainda posso fazer, se posso fazer algo, tendo em vista a nova ordem das coisas.

Médio-oriental é também a roupa do meu Cristo, como antigamente era a dos muçulmanos que vejo agora nas ruas de calças e casacos de náilon indo e vindo a falar uma língua na qual não compreendo às vezes a mistura do alemão com árabe, o que não melhora em nada a minha compreensão. O casamento das línguas me soa tão simpático quanto bizarro, sobretudo quando passam me cumprimentando e eu respondo no meu velho Hunsrückisch, esse alemão português que me permite oferecer, do meu lado da história, o que seria um equivalente sulino. Os árabes são dos poucos que me percebem quando eu mesmo ando pelas ruas a buscar um caminho diferente, a esperar que eu não me torne para mim mesmo mais um desses velhos Kants que passam na mesma hora bêbados pelos mesmos lugares, todos os dias com a mesma roupa, como se fossem pagos para isso, como se precisassem garantir, no gesto cronometrado no qual se inclui a bebedeira, a própria vida.

Sísifo e a pedra que ameaça destruir seu corpo seriam uma imagem mais adequada para um trabalhador como eu, mas só o que me vem à mente há dias é esse Cristo e suas pálpebras escuras em torno de olhos muito negros a me observar assustado enquanto, ao mesmo tempo, não pode me ver.

À mesa branca, a branca folha de papel na qual eu deveria desenhá-lo permanece intacta. Branco sobre branco ou um grito de dor que não se pode ouvir. Eu trabalharia nesse desenho se esse grito que não posso ouvir não me perturbasse agora, se ele não fosse, na verdade, de algum modo, a voz de Agnes e não me tivesse paralisado.

A imagem desse Cristo cada vez mais negro me interpela há dias. A ausência daquilo que as pessoas chamam *alguém a quem recorrer* é a legenda exigida por essas folhas brancas para um desenho que ainda não existe. Os velhos que vão ao museu em busca de alguém para conversar, sem perceber que estou ali apenas para guardar casacos igualmente velhos, não sabem que a vida é como esse branco sobre branco que não adiantaria manchar com a companhia de qualquer um.

A vida ou a existência sem álibi é o que lhes digo quando é impossível não dizer nada, como tentei explicar a Agnes naqueles momentos em que, no meio das nossas conversas, ao longo desses anos, eu percebi a falta de assunto. Isso me vem à mente agora quando algo da envergadura do que não posso chamar por outro nome que não seja o desespero me atinge, quando essa intensidade de angústia diz respeito a mim, a mim que sempre me pensei inatingível, a mim que sempre me pensei livre de tudo o que se relacionasse ao ato de esperar.

Atravessado por um fio fino de eletricidade que, contraditoriamente, me desalinha dos ouvidos até os pés, eu olho para o chão. Meus sapatos ao lado da porta, prontos para serem calçados. Dentro deles as meias pretas que usei ontem. Não encontro, no entanto, meus pés. A voz de Agnes tem o poder de fazer desaparecer partes do que sou, de escancarar os buracos do meu corpo, de esgarçar as bordas dos ouvidos, da boca, de cada poro até a total vitrificação dos meus órgãos e, logo a seguir, porque me torno de vidro, do sangue à pele, das membranas ao espírito, o estilhaçamento completo do copo vazio em que me tornei se torna inevitável. Sou uma pessoa que se reconhece, que ainda é capaz de se ver, como sendo, pelo menos até agora, um ser de corpo inteiro e que, atingido pelo nada na forma de uma voz crepitante vinda do outro lado do mundo, deve procurar em cada caco o que sobra de si mesmo.

Eu desenharia pés no meu Cristo, mas não vejo como fazê-lo sem criar um chão. Falta o chão e, sobre o chão, falta o corpo. Falta o corpo de Cristo enquanto não posso concebê-lo por inteiro e, no entanto, meu corpo está aqui, inteiro. O corpo morto de Cristo me aparece totalmente vivo, vivo como alguém que, à minha frente, pudesse ser visto tão somente por mim, por ser, de algum modo, meu espelho. Fica claro por meio dessa imagem que as coisas não são como são. Nunca foram. As coisas são insuportáveis como a imagem desse Cristo sem pés e sem chão, a gritar algo que não posso ouvir. Desenhá-lo tendo o telefone na mão, vestido com o uniforme preto do museu, atento e assustado com a mensagem que lhe chega do além, seria uma explicação para tudo o que aconteceu, mas seria apenas uma explicação.

Como um Cristo que responde com um grito mudo a uma mensagem do além, foi assim que tirei o telefone da base enquanto ainda acordava, fragilizado por uma noite mal dormida, cheia de pesadelos como são todas as minhas noites, como se não estivesse exatamente acordado, como se nunca mais fosse acordar, foi assim que toquei as teclas do aparelho telefônico com a mesma paciência de sempre, para o telefonema que, eu esperava, não fosse nada diferente daqueles outros dados com espaçamentos mais ou menos anuais ao longo desses anos todos. Eu sempre soube, e não esperava nada que negasse minha expectativa, que telefonema algum seria capaz de lacrar a rachadura que abriu, na sucessão dos anos, o imenso vão entre nossas vidas. O vão que atingiu a forma absurda, na qual se desenvolveu a dimensão oceânica e gelada em que eu e Agnes nos encontramos agora. A dimensão desesperadora do grito de um Cristo que me interpela e que não posso ouvir.

O telefonema, em nada diferente dos outros, senão pela notícia por ele transmitida, intensificou a rachadura, a ferida que, entre mim e Agnes, eu não esperava ver aprofundada. Tampouco esperei atar pontos imaginários, inúteis pontos ideais, fantasmáticos, que posso colocar neste momento, e que talvez de algum modo eu tenha colocado a vida inteira, entre nossos mundos e seus telefones, entre o telefone que eu uso aqui, neste lugar onde vivo, esta espantosa cidade de Berlim, cheia de espaço para se estar só, e o telefone de Agnes, na não menos espantosa ilha de Florianópolis onde ela vive, onde um dia eu também vivi, na praia do Campeche, perto da Lagoinha Pequena da qual íamos a pé até o campo de aviação para fazer aviões de papel, erguer pipas, onde inventamos um telefone de lata há tanto tempo. Somos dois pontos ligados por um fio telefônico na forma do nada que arrebentou sobre mim hoje pela manhã.

Agnes está no outro lado do mundo, na ilha *do lado de lá do mundo*, na ilha do *desterro*, onde ela cultivou o nada como uma planta rara que merecia aquele tipo de cuidado que só damos às coisas que nos tornam o que somos. Não a vejo há quarenta anos, completados no inverno passado. É naquela ilha em que ela vive. No lugar em que começa aquilo que outros chamariam facilmente de fuga, uma praia

do sul, no lado sul de uma ilha ao sul. Na ilha gelada, sombria no inverno e não menos sombria no verão, naquele lugar onde um dia eu fui aprisionado entre dunas, entre pedras, entre fantasmas, entre praias, a ver de longe ondas das quais nunca pude me aproximar, é lá que Agnes se tornou uma estátua de sal. Como uma voz acionada a cada vez que teclo um número de telefone específico, o da casa onde ela viveu com nosso pai todos esses anos, Agnes está agora só. Eu me pergunto o que sei da pessoa que chamo de Agnes. O que posso dizer é a pura ironia de dizer que nada posso dizer. Agnes, neste momento, não me parece mais do que uma lembrança.

É nesse lugar onde ela vive, no lugar onde nasci, no lugar onde fui desterrado. Porque nascer não é apenas ser aprisionado, é ser, ao mesmo tempo, desterrado. E ser desterrado é tornar-se o que não se é. Agnes vive no lugar onde cada um se torna o que não é. É lá que ela está só. Naquele lugar onde eu não sou. Onde não sou porque estou onde não deveria estar. Em outra ilha onde acabei por viver, essa ilha sem margem, que não é ilha alguma senão no meu modo de dizer. Na ilha gelada que é meu próprio corpo enregelado no grande gelo, no infinito gelo de Berlim. Foi nessa ilha que me tornei quem não sou, é aqui onde completo esse grande processo de me tornar quem não sou.

Depois de meia dúzia de frases sobre o andamento da vida, o frio, o fim e o começo do ano, a enchente que atingiu a casa onde ela morava com nosso pai, enquanto comentava sobre a volta da rotina no seu trabalho na escola em Rio Tavares, sobre o incurável sempre igual do dia a dia, no meio de tantos outros assuntos, hábitos, rotinas, ela comentou sobre essa morte. Sim, *essa* morte, porque ainda não a consigo ver como a morte de nosso pai.

Como quem conta de um vizinho que se muda, como se fosse a hora de transferir de lugar um móvel antigo, que um armário velho estava tomado de cupins, que uma árvore sacrificada deixava sem lugar pássaros cujo canto não se ouviria mais. Mais ainda, e bem pior para quem simplesmente ouve do outro lado da linha, ela falava como se um carro abandonado na rua, sem que ninguém percebesse sua presença, tivesse sido removido pela prefeitura, como se um prédio antigo fosse

implodido em nome da especulação imobiliária que atinge as praias do sul e isso não mudasse coisa alguma. Como se eu tivesse lhe mostrado o desenho do Cristo já pronto e isso não fizesse qualquer diferença. Havia aquele ar sujo de ressentimento no tom inalterável preservado em sua voz por todos esses anos, como se alguma coisa do que era dado a ouvir tivesse se transformado em pó. O ressentimento na forma de uma grande carga de palavras empoeiradas aumentava o volume do meu pasmo a ponto de uma explosão iminente à qual faltava, contudo, a energia para explodir.

Palavras não pensadas e, ao mesmo tempo, contraditoriamente medidas compunham a carga do que ela me legava. Eu era o alvo. A voz de Agnes, do outro lado da linha a me avisar, quarenta anos depois, de um mundo repartido em dois que nunca poderá se reunir, como essa cidade dividida e que se esforça por parecer unificada porque pensa que derrubou um muro. Os muros não são apenas físicos. A voz de Agnes cai sobre mim a refazer o muro na contradição de seus escombros. Essa voz me arranca as palavras como um ladrão que quisesse, além de roubar, também me matar e, a mirar com faca afiada não apenas meu corpo, nem tão somente meus ouvidos, mas a língua dentro de minha boca, soubesse atingir minha parte mais sensível na intenção não revelada de me emudecer.

Em resposta à perplexidade sobre a ausência de informação que eu me sentia no direito de possuir, no tom banal de quem tenta esconder a própria ironia, ainda que pudesse se tratar apenas de dor, Agnes disfarçou mudando o sentido da conversa, sem imaginar que aquela morte reduzida a mero assunto pudesse de algum modo me importar.

Foi assim que eu soube que meu pai estava morto. E me espanta, simplesmente me espanta, que ele tenha morrido.

Retrato

A cada ano, perto da data de aniversário de meu pai, eu me entregava por dias a um questionamento, se deveria ou não telefonar para ele. O que diria, caso a ligação se completasse, era o motivo central da minha meditação.

Antigamente se falava com telefonistas e se esperava pela sorte. Foi assim que conheci Irene, preocupada em pagar as próprias contas, atrás de uma central telefônica atendendo pessoas como eu. Irene me fez respirar fundo algumas vezes, ajudando-me a seguir com meu propósito. Eu dependia de estratégias, mas não imaginava dar o nome de *estratégia* a essa necessidade aparentemente tão simples de falar com meu pai. No começo, eu precisava telefonar para a secretaria da igreja e esperar que Inês, que serviu por anos como faxineira naquela que era, na verdade, a casa dos padres, e que limpava a igreja por caridade, entregue a um tipo de servidão que em nada tinha a ver com amor cristão, fosse até a casa de meu pai e o chamasse para falar ao telefone no dia seguinte em horário marcado. A primeira vez quem veio foi Agnes. Pude dizer a ela bem pouco, que eu estava muito longe, em Berlim. Agnes veio de novo nas duas vezes seguintes, muito rapidamente, sempre apressada, não lembrava o nome do lugar onde eu estava e tampouco o guardou dessa vez. Era menina ainda, e sua conversa comigo resumiu-se em querer saber quando eu voltaria, enquanto eu esperava apenas que ela entendesse como eu estava longe. Consegui falar com meu pai apenas no começo dos anos 1980, quando, a pedido de Agnes instalaram um

telefone em casa, e ele, que nunca se deslocou até a casa dos padres, passou a usar o artefato moderno. Pouca gente sabe que os telefones só começaram a ficar mais comuns no Brasil a partir do final dos anos 1970, e, menos ainda, percebe que isso não fez com que se compreendessem melhor uns aos outros.

Irene partilhou comigo estratégias para falar com pessoas logo que percebeu os tropeços em minha dicção, minha hesitação, meu medo de seguir. Eu começava um desenho qualquer enquanto ela conduzia a conversa entre frases feitas e conselhos sobre o que dizer e como poderia dizer alguma coisa, o que quer que fosse, a uma pessoa como meu pai. Irene atendia várias pessoas durante seu expediente e me deixava ao lado, na linha, com o telefone ligado até que pudesse retomar suas teorias e análises. Ao final de horas de conversa entrecortada em que ela falava muito e eu quase nada, eu me despedia dela com certo pesar, ela deixava seu posto ainda no escuro, enquanto o desenho ficava inacabado.

Já naquela época, havia mais de trinta anos, as pessoas falavam demais, e eu escutava Irene, a paciência encarnada em várias línguas. Eu esperava por ela desde que, depois de semanas tentando falar com uma telefonista qualquer, já enraivecido comigo mesmo, consegui dizer uma frase inteira e me fazer compreender. Em geral, eu desistia nas primeiras tentativas. Quando consegui dizer que precisava de uma ligação para o Brasil, ela perguntou a rir se eu já tinha decidido o que dizer, já que havia mais de um mês ela escutava o meu silêncio ao telefone. Afeiçoei-me a ela desde então, porque Irene me compreendia como ninguém sem que me tivesse visto, e me escutava, em meus silêncios, com a paciência que eu mesmo não teria com ninguém, nem mesmo com ela.

Eu passava o dia a desenhar no museu desde que cheguei a Berlim, em novembro de 1976, no começo do inverno. Não sabia como avisar meu pai e Agnes de que eu estava por aqui, que não tinha conseguido chegar à África como pretendia. Depois soube que eles não entenderam essa parte, nunca receberam a carta que deixei no seminário sobre a mesa do diretor. Não sei se meu tio contou sobre o dinheiro. Enviei outra carta ao me instalar por aqui, que tampouco chegou até eles. E

eu, que sempre acreditei no destino, tive a confirmação de que nada poderia ser feito para garantir nossa comunicação em outros tempos e era melhor deixar como estava.

No museu, eu me escondia no guarda-roupa, ajudado por Alexander, cujo posto passei a ocupar logo depois dos acontecimentos estranhos que perturbaram o ano de 1977. Quando todos tinham saído e os poucos guardas se espalhavam suficientemente perto das cadeiras onde logo iriam cochilar, eu seguia para a secretaria, pegava o telefone e ligava para a central. Fiz isso durante meses, mas não com o propósito de ligar para a igreja do Campeche, ou para o hotel onde Inês trabalhava, também como faxineira, caso em que era, de fato, remunerada. Ao telefone, por meses, o que fiz foi falar com Irene. Depois de muito observar e desenhar os objetos ao redor, e de povoar com elefantes e zebras, moscas e tigres o vazio deixado pelos funcionários e pelos visitantes, e sempre rezando para que um guarda não aparecesse para estragar o meu pequeno conforto, comecei a pedir a Irene que descrevesse seus traços e segui a fazer seu retrato falado, um retrato dela por ela mesma. Ao desenhar essa mulher desconhecida enquanto ouvia sua voz, eu logo desistia de falar com meu pai, tomado pela angústia do impossível.

Irene era a idealista que faltava. A vida prática das centrais telefônicas logo a perdeu para a faculdade de filosofia, e a faculdade de filosofia logo a perdeu para uma curiosa vida alternativa a ensinar filosofia entre rodadas de rum e uísque num bar de jazz. Na década de 1970, a faculdade de filosofia era a única coisa que poderia ser mais excitante do que LSD, sendo o que qualquer jovem desejava experimentar sem imaginar o mundo transformado em pesadelo que teria pela frente.

A sociedade da falsa alegria

Atenciosa, Irene percebeu de imediato a existência dessa inoperância que me habita e tentou curar-me com didática. Ao telefone, a gentileza devia vir logo na primeira frase, a paciência era necessária do começo ao fim, ela tentava me ensinar. Em um tom sempre generoso e, ao mesmo tempo, crente de que alguma força oculta em mim seria capaz de segui-la, ela pedia que eu evitasse interpretações e confiasse no que ela propunha.

Entre operacional e prestativa, ela acreditava que bastaria pouco para superar a distância desenvolvida em relação a meu pai e Agnes. Irene pedia que eu tivesse paciência com os outros e comigo mesmo, que essa distância passaria. Como se me conhecesse há milênios, sem nunca ter visto meu rosto, ela sugeria que, ao falar com eles, eu começasse sempre com alegria, que a alegria tudo cura, até a gagueira, que mentisse caso fosse necessário, pois as pessoas se comovem com os alegres. Os alegres sempre vencem, ela dizia, convicta como uma estátua de cera que tivesse descoberto um espelho. A alegria era a salvação, ela garantia sem medo, eu desconfiava e preferia, como ainda prefiro, continuar a viver a partir de meu modo melancólico de ser, escondendo a gagueira para evitar maiores explicações.

Mesmo com tantas sugestões, não falei com meu pai tão cedo, mas continuei a imaginar o rosto físico de Irene até o dia em que finalmente a encontrei no final dos anos 1980, dias depois da queda do muro, quando a procurei na reunião de um grupo de estudos em um lugar

chamado *Sociedade da Falsa Alegria*, ao lado da casa de Brecht. A promessa do retrato falado por ela mesma que eu lhe daria no dia em que nos encontrássemos continuava de pé, mas nunca nos encontrávamos. Se eu disser que preferia imaginar Irene a encontrar com ela, eu estaria mentindo. Meu medo de vê-la não era maior do que o medo de que ela me visse. Marcamos em frente à Biblioteca Municipal algumas vezes naquele mesmo mês de março de 1976, e diante do portão de Brandemburgo, onde ventava demais, havia sempre gente demais e eu nunca tive coragem de aparecer. Outras vezes falamos em nos ver na porta da Igreja de São Mateus, perto do museu, mas não movi um pé para que isso realmente acontecesse.

Apesar das minhas faltas, não era preciso mentir. Bastava dizer que não tinha sido possível estar no local marcado para perceber que Irene, assim como eu, se entendia muito bem com a verdade. Que sua defesa, já naquela época, das coisas falsas como a alegria era apenas ironia de filósofa, ou então, se ela me enganava, estava feliz, e eu não era capaz de me dar conta. Talvez, contudo, ela sentisse o mesmo tipo de medo que eu sentia e, por isso, não se importasse com minhas faltas, o que ficava provado quando voltávamos a falar ao telefone e ela não dizia nada sobre o ocorrido, tampouco mudava o tom de nossa conversa entrecortada pelas chamadas interurbanas que ela deveria operar em português, espanhol, inglês e alemão com uma fluência invejável para mim.

Enquanto imaginava seu rosto e o desenhava cem vezes, enquanto pensava em ligar para meu pai, a pensar em Agnes que deixava de ser criança, eu tomava consciência da distância a que vivíamos, mesmo nós que estávamos ali tão próximos, separados apenas por uma avenida. Do lado de cá da história, nem o muro nos separava e, mesmo assim, não era possível encontrar com Irene, olhar em seus olhos, pegar em sua mão e dizer simplesmente *olá, eu sou Klaus*.